

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

Bouville, cujos retratos figuram no Museu da cidade): *direito à vida, ao trabalho, à riqueza, ao mando, ao respeito e, enfim, à imortalidade.* O negociante Pacôme, particularmente, produz em Roquentin uma forte impressão: *«Li nos seus olhos um juízo calmo e implacável. Compreendi então tudo o que nos separava: o que eu pudesse pensar sobre ele não o atingia... Mas o seu juízo trespassava-me como uma espada e punha-me em questão até o direito à existência. E tinha razão, sempre me dei conta disso: eu não tinha o direito de existir.»* Mas para ele, Jean Pacôme, *«as coisas passavam-se bem diferentemente: o pulsar do coração, os surdos rumores dos seus órgãos chegavam até ele sob a forma de pequenos direitos instantâneos e puros. Durante sessenta anos, sem um desfalecimento, ele fizera uso do seu direito à vida. Que esplêndidos olhos cinzentos! Jamais a menor dúvida tinha passado por eles... Cumprira sempre o seu dever, todo o seu dever, dever de filho, de marido, de pai, de chefe. Paralelamente reclamara os seus direitos com intransigência...»*

E ouçamos a seguir Fred, que faz de justo, enquanto Lizzie, revoltada enfim, o ameaça com o revólver: *«Atira! Mas atira então! Como vês, não podes. Uma tiça como tu não pode atirar sobre um homem como eu. Quem és tu? Que fazes tu no mundo? Conheceste ao menos o teu avô? Mas eu tenho o direito de viver: há muita coisa a fazer e que está à minha espera.»*

Mas se o espírito de seriedade *«reina sobre o mundo»*, há no entanto algumas consciências, consciências de bastardos, de intelectuais, de traidores, consciências fora da lei, que o podem denunciar. Vejamos o Justo julgado, vejamos a definição do homem *«sério»*: *«É uma farsa! Toda esta gente está sentada com ar sério e come. Não, não comem: restauram as forças para levarem a bom termo a tarefa que lhes incumbe. Tem cada um a sua pequena mania pessoal que os impede de repararem que existem; não há um só que se não julgue indispensável para alguém ou alguma coisa... Cada um deles realiza uma pequenina tarefa e não há ninguém mais qualificado do que ele para a realizar... E eu estou no meio deles: se me olham, hão-de pensar que não há ninguém mais qualificado do que eu para fazer o que faço. Eu, porém, sei. Não dou ares de nada, mas sei que existo e que eles existem...»*

Roquentin, o Intelectual, atraiçoa a sociedade dos homens: a Náusea revelou-lhe a sua contingência, aquela vida estúpida,

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

injustificável, *«esta vida que me foi dada — dada para nada.»*¹ Vive ainda entre os homens, mas só já porque o parece, e sente-se radicalmente estranho à sua comédia humana. *(Esses seres que se «qualificaram» e passam o tempo a confirmar-se entre si da sua qualificação e se hipnotizam quanto às suas tarefas para se dissimularem que não têm «razão de existir», esses batoteiros e esses «sonâmbulos» — não, decididamente, Roquentin não será mais um deles: «Julgavam que era como eles, que era um homem, e enganei-os.»*

Pela tomada de consciência do carácter injustificável da existência, Roquentin excluiu-se do mundo, ficou fora — como Orestes que não acreditava em nada, como Hugo que não conseguia tomar-se a sério, como Goetz, o bastardo, como Kean, o bastardo. Descobriu o jogo, compreendeu que toda a gente representava, mas ao mesmo tempo pôs-se ele próprio fora do jogo, e ficou só. *«Tenho vontade de partir, de me ir embora para qualquer parte onde esteja verdadeiramente no meu lugar, onde me encaixe... Mas o meu lugar não é em parte alguma: estou a mais.»* E, sem dúvida, toda a gente está só, cada um de nós está *a mais*, somos todos bastardos; mas há os que se dão conta disso e há os que, à força de má fé, conseguem ignorá-lo. Para os primeiros, o perigo será — uma vez reconhecida a sua solidão — tentarem escapar-lhe por qualquer meio que não seja o dos outros; pois que no desprezo que têm pelo Bem, pelas ilusões e «seriedade» dos outros, é justamente aos outros que eles desprezam: a gente de Argos, a massa anónima, os Burgueses ou a Canalha, em suma, esse absurdo grulhar de existências cegas a que se reduzem os nossos semelhantes quando os olhamos *de fora*, quando deixamos de sentir-nos um deles. Mas qualquer que seja o meio que eles então escolherem e o sentido que quiserem dar-lhe, tal meio, acusando a sua solidão, não lhes restituirá, senão de um modo efêmero, a sua consistência perdida. É que eles não terão superado em si o orgulho de serem eles, de se não aguentarem senão por si — ou seja *a vergonha* de se terem descoberto um dia simultaneamente dependentes, ligados ao mundo, e sózinhos, excluídos de toda

¹ Júpiter a Orestes (que pretende abrir os olhos aos homens de Argos): *«Pobre gente! Vais fazer-lhes oferta da solidão e vergonha, vais arranjar-lhes as vestes de que eu os tinha coberto e mostrar-lhes-ás de súbito a sua existência, a sua obscena e fastidiosa existência que lhes foi dada para nada.»*